Vozes afro-descendentes e metalinguagem na poesia de Salgado Maranhão

Eduarda Rodrigues Costa *

Poeta brilhante da geração atual, Salgado Maranhão quando criança teve contato com o verso através da literatura de cordel. Aos dezenove anos já escrevia sonetos, participando de recitais e desde então a poesia é parte de sua vida. Possui cinco livros publicados: *Punhos da serpente* (1989), *Palávora* (1995), *O Beijo da Fera* (1996), *Mural de ventos* (1998) . Prêmio Jabuti de poesia . e *Sol sanguíneo* (2002).

Salgado Maranhão destaca-se pelo trato apurado da linguagem e pelo domínio da mesma. Sua relação de intimidade com a palavra escrita denota uma postura centrada diante do fazer poético e da vida. Influenciado pela filosofia oriental, o poeta traz para seus versos o estado de equilíbrio empenhado na relativização dos valores instituídos. O ser humano mostra-se cada vez mais limitado e distanciado da realidade em que vive e torna-se necessário soltar as amarras do convencional e experimentar o desconhecido. É isso que o autor faz com sua poesia: toma a palavra e desnudando-a de seus significados usuais, explora sua condição polissêmica apontando para o caráter simples e transitório das coisas.

Segundo Carlito Azevedo, na apresentação do livro *Palávora*, a produção poética do autor é marcada por extremos e sutilezas:

poesia colhida ao rés da existência, no banal e no fortuito, cheia de sutilezas que parecem originar-se na região do desencanto, do esvaziamento utópico, onde o demiurgo dá lugar ao observador, e o poeta passa a trocar as grandes pelas pequenas esperanças: uma rede gostosa ou uma franja de sol que nos rosse pelo dorso. (Apud MARANHÃO: 1995)

Tal posicionamento é evidenciado no desvendar de sentidos colhidos no viés do texto. O próprio título já denuncia esse caráter múltiplo de significação que se estende por toda a obra. *Palávora* engloba os termos *palavra* e *horaz*, que por sua vez representam a inquietude do signo em se colocar em movimento e a avidez em se tornar poesia. Ainda compreende o verbo *lavorar*, apontando para o trabalho de lapidação desenvolvido com o signo pela escrita. O neologismo também faz lembrar de *pólvora*, que indica o poder e a capacidade de tumulto exercida pela palavra.

Em *horas rubras* o eu enunciador vê-se na necessidade de rugir, pois falar não adianta mais. O homem transmuta-se em fera para usar a *palávora*, a linguagem sem amarras destituída de estereótipos:

o jeito é rugir
a palávora
e despir a voz
de sua língua
de sombras.

para além das vísceras
há uma música
que açoita os ossos
como se feita
para ninar os mortos.

as horas estão rubras
os heróis estão rotos
e a noite é dos lobos.
(Palávora, p. 37)

O discurso não se detém apenas no âmbito da linguagem, remete também para a questão social. A escolha do vocabulário, bem como a composição rítmica, apontam para especificidades de uma voz afro-descendente que emerge do texto. O eu lírico ouve uma música feita para além de seu corpo e esse som reproduz a mesma dor causada pela chibata, porém esta é sentida na alma dos vivos e dos mortos. É a memória ancestral que traz o som de lamento, aludindo que os tempos não mudaram e o preconceito permanece imperioso, pois não há mais heróis. Outro aspecto importante que marca o poema é a descrença e a desilusão que caracterizam o sujeito pós-moderno. Nesse sentido, percebemos um eu lírico cético, cujo processo de identificação está comprometido pela fragmentação dos heróis e pelo caráter transitório de suas verdades. Ele se encontra na arena onde cada um luta por si.

Nessa mesma linha, o poema *Deslimites 2* exprime o desencanto do sujeito com a realidade em que se encontra. Com o recurso da personificação, o século se esvai e dele fazem parte a usura dos bens, da glória, certamente não alcançados por mãos mais calejadas, verdadeiras donas dos méritos. Tencionando delatar os disfarces de que a falsa harmonia do país se traveste, o poeta utiliza o termo *primavera* com significação pejorativa, contrariando o seu uso comum. Neste caso, tal palavra vem a designar possivelmente essa classe acumuladora de bens às custas do mais fraco. Vestida de tule, que reforça o caráter de delicadeza, a *primavera* destila seu ódio e seu veneno pelas mãos, ou melhor sob as unhas do feitor. Já menos disfarçada, a servidão ou escravidão se regozija e delira chagar o outro:

expira o século
a vinte
em usura exausto
a destilar cinza ao suor,

de tule
a primavera gane
sob as unhas do feitor,

de tanga
a servidão sorri
talhada ao delírio voraz
de ferir.

quem paga o carcereiro
do mundo,
o sensor da parálitica paz?

em que sonho
esqueci meus limites?
(Palávora, p. 45-47)

se aprimora no corpo

e no espaço. seu côncavo
abraço de mulher
(Palávora, p.75)

Construído sob apurado erotismo, *Fortuna 2+* exprime o desejo pelo sexo e confere a este valor de tesouro. Este sujeito não vê, mas *plurivê+*, imagina com todo seu querer esse objeto cobiçado. Sendo este largamente metaforizado como flor no discurso poético, o nosso autor transcende e compara a razão de sua inquietude a uma *orquídea de dez mil pétalas*+a fim de exprimir a dimensão do seu desejo:

meu olho plurivê
prospecta
 tua mina
entre coxas
plataformas
teu minério
. orquídea de dez mil pétalas.
(Palávora, p.74)

Para o poeta, assim como a orquídea do trecho acima, a palavra se conforma na espera de ser poetizada, e é nesta constante reflexão sobre o fazer poético e o existir humano no mundo que *Palávora* se estrutura.

Já em *Sol sanguíneo*, seu mais recente livro, são preservadas todas essas características e percebe-se ainda um aperfeiçoamento da técnica escrita. Adriano Espínola, a respeito da obra acrescenta:

diria que, pela maneira com que trata o corpo da língua, neste livro . a golpes delicados de imagens e ritmos precisos, praticando aqui uma espécie de *reiki* verbal, em que infunde doses de energia vital à linguagem cotidiana -, o resultado desse trato não é outro senão o de proporcionar prazer e encantamento ao leitor. O que me leva à conclusão que a poesia é uma arte corporal; lê-la ou praticá-la faz bem ao corpo. Como nos demonstra aqui a mão de mestre de Salgado Maranhão.

(In <http://www.revista.agulha.nom.br/ag31livros.htm>)

O poema de abertura que dá nome ao livro remete ao tempo da posse de terras. Tudo que nela existia também foi violado e tratado como bens comerciais. *Sol sanguíneo*: terra chã+ faz esse movimento de volta às origens de seu povo quando o eu lírico narra a chegada do navio negreiro no cais. Enquanto isso as noites, *terçar atabaques+*, esperavam os cativos que estavam a chegar, evidenciando o sincretismo de elementos da cultura européia e africana.

Do cais rasurado de esperas
velam noites a terçar
atabaques.

Minha terra é minha pele.

vieram o sol .
e o azeviche
conjugado à carne;

e vieram moendas de açúcar
e súplica;
e vieram demandas de açoite
e séculos
a desatar fonemas
à fervura.

(*Sol sanguíneo*, p. 15-27)

Nesse trecho do poema, o eu enunciatador assume sua especificidade étnica e cultural encarando a terra como segmento de sua pele. Nota-se um cuidado na opção pelo vocábulo que irá representar a sua cor: o azeviche, tipo de carvão fóssil utilizado em joalheria. O efeito seria outro se em seu lugar estivesse simplesmente *carvão*. Além disso, destaca que junto com os escravos vieram as *moendas de açúcar*, que representa uma das contribuições dos negros à economia brasileira, e as súplicas dos cativos tratados como mercadoria. Desse regime vieram os açoites que duraram séculos e a imposição cultural dos brancos sobre os negros.

Tratados apenas como corpo vazio de cultura e espírito, esses homens foram entregues ao cativo devido à ganância do branco que se julgava superior. Além de terem sido separados do seu povo, viram-se obrigados a receber os valores dos senhores, que lhes eram impostos, em geral, de maneira violenta.

Já em *Mater*, o eu lírico faz uma homenagem à mãe África e chama a atenção para o descaso da história em representar sua herança entre o povo brasileiro. Seus descendentes em nosso país foram obrigados a se curvarem diante do branco. Porém o fio de sua memória ancestral, como *impressões digitais num rio*, mantém ligados seus filhos ao longo dos tempos:

I

De ti não há sequer
um álbum de família:
retratos da infância
nos campos de arroz e gergelim.

Talvez reste em pensamento
pedaços de tua voz
no vento
como impressões digitais
num rio.

II

No dia em que o azul
roubou teus olhos
e o silêncio rival rasgou
teu nome,
cotovias cantaram no teu rastro.
No dia em que a manhã
cerrou teus olhos.

(*Sol sanguíneo*, p. 94-95)

No poema, o azul aparece como metonímia para o mar e metáfora para o traficante que levou os filhos da *mater* africana. Silenciosa foi como se deu a captura e dura foi a partida. Porém quando não havia mais corpo, foi ao som das

cotovias, aves que voam para a África no inverno, que o espírito retornou a terra mãe.

Noutra linha, totalmente metapoética, +Fero+ descreve a inquietação que a escrita causa ao poeta e este, que tenta representar o mais inimaginável como a oração dos pássaros, vê-se numa luta constante com a palavra quando esta parece se fechar às possibilidades de figuração:

Tento esculpir a Lítania
dos pássaros
e as palavras mordem
a inocência. Aferram-se
ao que é de pedra
e perda.

insights de insânia
e súplica; volúpias insolúveis
acossam-me a página
em branco
qual bandido bárbaro
ou mar revoltado
a rasgar a calha
do poema.

(*Sol sanguíneo*, p. 65-66)

O processo de escrita configura-se conflituoso; o poeta é tomado por uma onda de embriagante loucura e perseguição. Seu maior inimigo então se vislumbra na página em branco+a exibição do não-resultado de trabalho. É este, portanto um forte veio da poesia de Salgado Maranhão, escritor comprometido com a reflexão da linguagem, empenhado em recriá-la, explorá-la ao máximo e encontrar, nas bordas da palavra, o sentido buscado. Foi possível perceber também o envolvimento com situações íntimas de um sujeito que, assumindo-se como negro filho de África, deixa vozes de tempos remotos falarem em seus poemas, aludindo às atrocidades do passado escravo e rebelando-se contra as do presente.

Referências

- Espínola, Adriano. In <http://www.revista.agulha.nom.br/ag31livros.htm>
MARANHÃO, Salgado. *Palávora*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. (poesia)
_____. *Sol sanguíneo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
VALENTE, Luiz Fernando. In <http://www.verbo21.com.br/arquivo/32ltx5.htm>

* Graduada em Letras pela UFMG.